



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

SEM SUPERVISÃO

Marcos Roberto Inhauser

Há uma regra que é básica para o funcionamento de qualquer coisa ou profissão: toda pessoa que faz qualquer coisa por um período maior ou menor de tempo, sem ser supervisionado, tende a se deteriorar no exercício da função.

Isto se aplica a profissionais liberais (daí porque os Conselhos Estaduais e Federais de cada profissão), as agências reguladoras e o Banco Central, entre tantas que poderiam ser citadas. Neste universo e com esta premissa em mente, sempre desconfiei dos que advogavam o livre mercado, como se não necessitasse de algum tipo de regulamentação, antes crendo que seria auto-regulável pela lei da oferta e da procura.

A recente crise no mercado imobiliário e no sistema bancário mundial veio mostrar que a ambição, mais que qualquer outra coisa, precisa de regulamentações sérias e efetivas. Sabe-se agora que o tal do livre mercado propiciou o desmando e a alavancagem nos bancos e financeiras, com executivos ganhando o inimaginável salário de US\$ 17.000,00 por hora, como era o caso do CEO do Lehman Brothers, Richard Fuld.

Uma segunda regra da natureza, reconhecida e transformada em máxima por Lavoisier: “na natureza nada se cria, tudo se transforma”. Riqueza estaria enquadrada nesta lei? Não tenho lá muita certeza, mas de uma coisa sei: não se cria riqueza da noite para o dia, como se houvesse fermento nos dólares e reais. O que se viu foi esta fermentação mágica, produzindo ganhos astronômicos e agora reconhecidos como irreais.

Ainda creio que há certa sabedoria no princípio bíblico exarado na saga etiológica da criação: “do suor do teu rosto comerás”. Comer do trabalho alheio sempre me pareceu injustiça, ainda que a isto dessem o nome de investimento. O capitalismo que temos visto e sentido é autofágico, porque a ganância perde a noção da sensatez, privilegia o ganho fácil e retira o desejo de produzir. Em certo sentido, investir é uma forma de comer do suor de rostos alheios.

Ingênuo? Pode ser.

Tão ingênuo quanto crer que esta ciranda financeira iria ser eterna e a salvação da humanidade. Tão ingênuo quanto crer que o especulativo alavanca o produtivo. Tão ingênuo quanto crer que o Bush e seus asseclas são os líderes do mundo atual e que vão entrar para a história como os redentores da economia mundial, pela elaboração de um plano de estatização bancária.